

Os Limites da Violência no Fim do Mundo Antigo

Limitações à Guerra Romana na Segunda Metade do Século IV d.C.

Raphael Leite Teixeira¹

Resumo: O artigo trata das limitações contingentes à guerra romana nas últimas décadas do século IV a partir de informações colhidas na fonte anônima *De rebus bellicis*, e no *Epitoma rei militaris*, de Flávio Vegécio. Pretendo mostrar que a esse tipo de limitação, identificada com as dificuldades de suprimento, aprovisionamento, aquartelamento e equipamento, deve ser somado os problemas no recrutamento e treinamento dos recrutas.

1. A violência na história da humanidade

Um dos fenômenos mais onipresentes na História humana é a violência. Não importa a época, o lugar, o nível cultural das pessoas – a agressividade está sempre presente. Seja na forma de escaramuças tribais, das grandes guerras internacionais ou pelo terrorismo, a destruição do homem pelo homem é uma chaga que plurissecular. No entanto, determinar as origens do comportamento violento – se seria natural ou condicionado por causas materiais – ainda não é possível.²

¹ Aluno do *Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica* do Projeto de Pesquisa “A Guerra no Mundo Antigo e Medieval: de Vegécio (séc. IV) ao conde de Barcelos (séc. XIV)”, orientado pelo Prof. Dr. Ricardo da Costa (www.ricardocosta.com). E-mail: rleiteixeira@gmail.com.

² “As Ciências Humanas estão longe de chegar a um consenso quanto à origem da violência. Antropólogos, sociólogos, psicanalistas e etólogos ainda controvertem a agressividade na história (a Etologia faz um estudo comparado do comportamento dos animais, tratando de seus hábitos e sua acomodação às condições do ambiente. Além disso, ela estuda os costumes, usos e caracteres humanos. Trata-se de uma “abordagem biológica do estudo do comportamento”). A questão básica gira em torno de um ponto: o homem é violento por natureza ou sua potencialidade para a violência é traduzida em uso pela ação de fatores materiais? A teoria da violência inata é combatida ferozmente por cientistas sociais. Existem inúmeras definições antagônicas a respeito da “natureza humana”. No entanto, o conceito é um componente básico do pensamento social.” – COSTA, Ricardo da. *A guerra na Idade Média – um estudo da mentalidade de cruzada na Península Ibérica*. Rio de Janeiro: Edições Paratodos, 1998, p.11.

Os cientistas apontam para a área do cérebro conhecido como sistema límbico o que chamam de “a sede de agressão”. Entretanto, ainda não puderam definir como a agressão é produzida ou como é controlada no interior do cérebro. A ciência também é incapaz de dizer o momento em que um indivíduo manifestará violência ou as razões de grupos humanos reunirem-se para lutar uns com outros.

Se os cientistas naturais e antropólogos têm dificuldades para determinar a gênese da agressividade, os historiadores não estão em uma posição muito melhor. Embora a História da guerra tenha começado com a escrita (por volta de 3100 a.C.³), sua pré-História está bem mais recuada no tempo. Conseqüentemente, é bem mais difícil mapear sua trajetória. É certo que o homem das cavernas desenvolvia a atividade semi-militar da caça, mas os vestígios de combates entre eles são raros e geralmente contraditórios.

O marco inequívoco da origem da guerra se deu nos primórdios do Neolítico, há aproximadamente 10 mil anos. Nessa altura houve uma revolução na tecnologia das armas com o surgimento do arco, funda, adaga e clava⁴. Era apenas o ponto de partida de uma evolução no aperfeiçoamento de instrumentos, técnicas e capacidade de destruição humana que parece estar longe de um fim.

1. 1. Limitações à guerra

Tão antiga como a guerra são suas próprias limitações. À medida que a História das guerras avançou, alguns desses óbices à atividade guerreira foram minimizados pelos avanços tecnológicos, científicos e organizacionais. Minimizados mas não extintos. De forma sucinta, essas limitações podem ser classificadas em três grupos:

³ Todas as outras datas situam-se depois de Cristo e não são acompanhadas da sigla d.C., exceto em observação contrária.

⁴ KEEGAN, J. *Uma história da guerra*. São Paulo: CIA das Letras, 1995, pp.164-5.

- a) as limitações oriundas dos elevados sistemas éticos e morais;
- b) as limitações “permanentes”, muito menos incontornáveis (o tempo, o clima, as estações, o terreno e a vegetação); e, por fim,
- c) os fatores “contingentes”: dificuldades de suprimento, aprovisionamento, aquartelamento e equipamento.⁵

Entre os fatores contingentes, acrescento as dificuldades de recrutamento e de instrução. Em períodos de guerra exaustiva e prolongada, por exemplo, podem faltar cidadãos na convocação. Assim, os Estados podem ser forçados a terem que recrutar mercenários em massa, o que invariavelmente diminui o nível técnico e a eficiência bélica geral do exército.

Um exemplo de aumento brusco do contingente militar aconteceu no Império Romano entre 284 e 324, quando a Tetrarquia concebida por Diocleciano (284-305) deve ter duplicado os efetivos do exército. Apesar de ser uma tendência que remontava ao século II, essa medida radical resultou em tantos prejuízos para a eficiência bélica das legiões⁶ que se generalizou os efeitos colaterais de tamanha transformação para qualquer exército, em qualquer época.⁷

Como pretendo mostrar neste artigo, a carência de treinamento militar adequado aos recrutas, como aconteceu no caso acima, pode limitar a atividade guerreira tão seriamente quanto às dificuldades de suprimento, aprovisionamento, aquartelamento e equipamento. A experiência tem mostrado

⁵ KEEGAN, J. *Op. cit.*, p.94.

⁶ As legiões eram as unidades mais prestigiadas do exército romano. Tropas de infantaria em sua essência, seu contingente variou muito no decorrer de sua existência. Apesar disso, é possível fixar o número aproximado de cinco mil homens na sua constituição clássica. Possuía dez coortes, de três manípulos ou seis centúrias cada uma. A cavalaria legionária era composta por cerca de 120 homens. O comando era constituído por 59 centuriões (dos quais o mais graduado era o primípilo); um tribuno (ou vários) que comandava a cavalaria; cinco tribunos (“angusticlávios”) da ordem equestre, cada qual responsável por duas coortes; um prefeito do acampamento; um tribuno designado “laticlávio” e, finalmente, um legado da legião, ambos procedentes da ordem senatorial (BOHEC, Y. L. *El ejército romano*. Barcelona: Ariel, 2004, pp.33-4).

⁷ REZENDE FILHO, C. de B. *Mudança de conceito estratégico e manutenção de padrão tático a desagregação militar do Ocidente romano sob a pressão bárbara*. Tese. São Paulo: USP, 1993, pp.22-4.

que soldados despreparados apresentam dificuldades para executar as manobras de campo, têm moral baixa e irresistível tendência à deserção, rebeldia e covardia.

Nesse sentido, explicarei algumas limitações contingentes à guerra enfrentadas pelos romanos na segunda metade do século IV. Para tanto, selecionei duas fontes para análise: o panfleto *De rebus bellicis*⁸, de autoria anônima, provavelmente endereçado ao imperador Valentiano (364-375) em 368 e o tratado militar *Epitoma rei militaris*⁹, escrito pelo ministro Flávio Vegécio a pedido do imperador Teodósio (394-395). Nos dois casos, um contexto contraditório apresentado por autores que não participaram do palco da guerra.

2. Limitações à guerra no fim do mundo antigo

2.1. Limitações romanas compreendidas a partir das propostas do autor anônimo do *De rebus bellicis*

A segunda metade do século IV não é considerada muito fecunda em criatividade, pelo menos fora do âmbito eclesiástico. Em realidade, no mundo antigo e, sobretudo, em Roma, a investigação e a experimentação nunca alçaram maiores vôos, limitadas que estavam pela união com a filosofia, pelo pensamento pragmático das pessoas e a falta de patrocínio estatal. A partir do século I, no entanto, o problema foi agravado pelo misticismo e a religiosidade oriental que inundou o Império.¹⁰ Tudo isso fez culminar nos séculos IV-V no

⁸ ANÓNIMO. *Sobre asuntos militares*. Introd., edição, trad. e comentário de Álvaro Sánchez-Ostiz. Navarra: Eunsa, 2004. Doravante, sempre que citar a fonte, indicarei apenas as iniciais do título original da obra (*DRB*) e o capítulo entre parêntesis.

⁹ VEGÉCIO. *Tratado de Ciência Militar*. Trad., estudo introdutório e notas de Adriaan de Man. Lisboa: Edições Sílabo, 2006. Doravante, sempre que citar a fonte, indicarei apenas o livro (com numeral cardinal) e o capítulo (com numeral romano) entre parêntesis.

¹⁰ Parte do sucesso do avanço dessas experiências espirituais, principalmente a partir da Crise do Século III, deve ser explicado pelo fracasso da religião romana: "(...) A preocupação pela tradição, a ética política e o culto do imperador deixaram de oferecer orientação espiritual e moral a uma sociedade atormentada (...)" (ALFÖDY, G. *A História Social de Roma*. Lisboa: Presença, 1989, p.197).

que, com certo exagero, já foi denominado de “desaparecimento do espírito científico e do espírito filosófico”.¹¹

Pois foi justamente nas últimas décadas do século IV, mais especificamente por volta de 368, no reinado de Valentiano I (364-375), que um autor anônimo redigiu o libelo *De rebus bellicis*. Sua identidade teria sido omitida intencionalmente, por cautela, ou se perdeu na tradição manuscrita. O que se pode arriscar em inferir sobre sua vida deve ser extraído indiretamente do próprio texto. Certamente não tinha funções públicas (*DRB*, pr. 4) e pode ter sido um proprietário de terras. De cultura mediana, era pagão e conhecedor da burocracia estatal; por outro lado, tinha conhecimentos militares de segunda mão e provavelmente não conheceu um campo de batalha.¹²

No seu panfleto são encontradas críticas – algumas contundentes – à situação de guerra quase endêmica da época, às pesadas exações e à corrupta administração provincial do Império. Não se tratava de um contribuinte revoltado – como muitos que deveriam existir – mas de alguém que amava seu Estado até a loucura.¹³ Dirigiu-se diretamente ao imperador – assim como Vegécio, como se verá adiante – e propôs várias medidas econômicas e sociais, muitas das quais diretamente ligadas à demanda de defesa. Dentre suas propostas, chamam a atenção os vários engenhos curiosos, embora não muito práticos, que idealizou para o exército. São justamente esses inventos que contrastam com o espírito em geral pouco criativo de sua época.

Das idéias do anônimo é possível extrair informações sobre a escassez de potencial humano no Império Romano de então.¹⁴ É verdade que a mentalidade romana foi historicamente pouco naturalista, o que resultou na fraca reprodução natural de sua população.¹⁵ No entanto, a freqüência com

¹¹ LOT, F. *O fim do mundo antigo e o princípio da Idade Média*. Lisboa: 70, 1980, p.178.

¹² ANÔNIMO. *Op. cit.*, introd., p.14.

¹³ MAZZARINO, S. *O fim do mundo antigo*. São Paulo: Martins Fontes, 1991, p.55.

¹⁴ FINLEY, M. I. *Aspectos da Antiguidade*. Lisboa: 70, 1990, p.168.

¹⁵ VEYNE, P. *O Império Romano*. In: ARIÈS, P. & DUBY, G. (dirs.). **História da vida privada – vol. I – Do Império Romano ao ano mil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p.26.

que terras aráveis foram abandonadas no Império Tardio sugere um decréscimo populacional sem precedentes.¹⁶ Para se ter a real dimensão deste problema, basta lembrar que a principal fonte de riquezas de Roma nos séculos IV-V era a agricultura.¹⁷

População em declínio significava menos possibilidades de se obter recrutas para defender o Império das agressões bárbaras. Problema por si só bem sério, como atestam as palavras do anônimo (*DRB*, 6)¹⁸: “antes de tudo há que ser consciente que a insanidade das nações que em nosso derredor ladram acossa ao Império Romano por todas as partes e os traiçoeiros bárbaros, guarnecidos pelos acidentes naturais, assaltam todos os pontos de fronteira”. As constantes guerras civis¹⁹ e as infelizes medidas tomadas para remediar a escassez humana, como o recrutamento de bárbaros e seu acomodamento em províncias imperiais após a derrota romana em Adrianópolis (378)²⁰ agravaram o problema.

Outro fator contingente sério na limitação da guerra, as dificuldades estatais com as despesas militares (recrutamento, aprovisionamento, etc.) eram conseqüência direta da crise econômica, da ruralização da sociedade e da diminuição da circulação monetária. Na concepção do anônimo, o problema dos gastos militares seriam resolvidos a partir de três medidas básicas (*DRB*, 5): 1ª) a redução do tempo do serviço militar; 2ª) o assentamento de veteranos nos campos limítrofes do Império e 3ª) o recrutamento suplementar de *iuniores*. Assim como várias outras propostas do *DRB*, essas medidas

¹⁶ FINLEY, M. I. *Op. cit.*, p.173.

¹⁷ ALFÖDY, G. *Op. cit.*, p.201.

¹⁸ *Im primis sciendum es quod imperium Romanum circumlatrantium ubique nationum perstringat insania et omne latus limitum tecta naturalibus locis appetat dolosa barbaries.*

¹⁹ Ao lado do debilitamento da autoridade central e dos problemas econômicos e sociais, talvez esta tenha sido a principal causa do erosionamento da alta eficiência bélica do exército romano (GOLDSWORTHY, A. *El ejército romano*. Madrid: Akal, 2007, p.214).

²⁰ Nesta fulminante batalha os godos massacraram ou capturaram talvez até dois terços do exército romano, sendo que grande número dos soldados sobreviventes, inclusive da guarda pessoal do imperador, desertaram para o exército bárbaro (MACDOWALL, S. *Adrianople AD 378*. Oxford: Osprey Publishing, 2001, p.81). O imperador Valente (364-378), comandante-em-chefe, jamais teve o corpo encontrado. Segundo testemunho da época, esse foi o maior desastre da história militar romana desde Cannae (216 a.C.) (MACDOWALL, S. *Op. cit.*, p.7).

parecem não terem sido postas em prática. Por outro lado, se não atingiram os objetivos esperados, são um importante testemunho de como a fragilidade econômica e humana limitavam a guerra dos romanos.

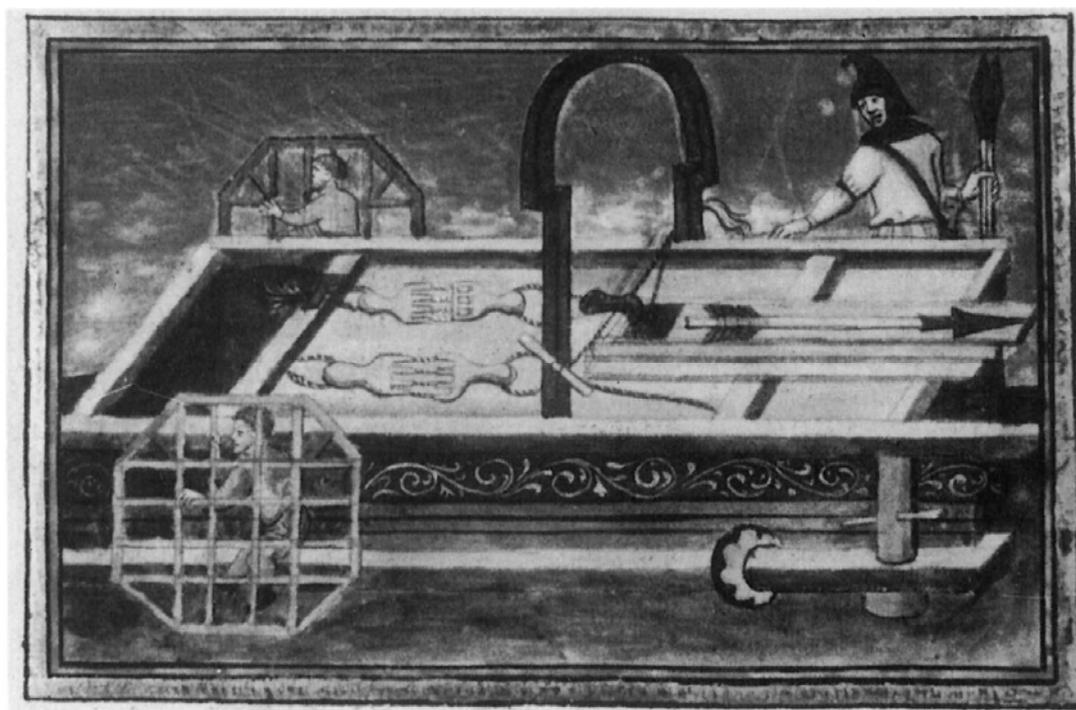
Após essa parte – que é um prelúdio ao assunto a ser tratado na segunda metade do panfleto – o tema passa a ser o das máquinas de guerra (*DRB*, 6). Antes, porém, o autor registrou sua opinião sobre as duas razões do sucesso dos inimigos do Império Romano: a) uma louca agressividade por meio de guerrilhas, favorecidas pelos obstáculos da natureza – acidentes naturais, bosques, montes, neve, deserto, pântanos e rios; b) o encastelamento de tropas em cidades amuralhadas e fortins (neste caso, muito possivelmente ele tinha em mentes os persas, que não constituíam a “barbárie”, mas uma civilização trivial, no Oriente). De todos esses “refúgios”, bárbaros e persas saíam para atacar os romanos, para onde retornavam depois, impedindo represálias por parte do exército imperial.

De acordo com a orientação teórico-militar que norteia este trabalho, os empecilhos naturais aos quais o anônimo atribuiu o sucesso das forças invasoras eram, para os romanos, fatores permanentes das limitações à guerra. Sabe-se que para as legiões a guerra ficava cada vez mais difícil à medida que se distanciavam da zona da bacia mediterrânea. Assim, pela distância do palco de operações e pelas qualidades dos adversários²¹, o *limes*²² fixou-se antes de obstáculos naturais como, por exemplo, o deserto do Saara. No entanto, é intrigante no cap. 6 do *DRB* que o maior desafio dos romanos de então não era atacar seus agressores, mas se defenderem em seu próprio território, onde os fatores permanentes não eram a principal limitação. Além disso, este trecho destoa do restante da obra, na qual o autor se concentra nos fatores contingentes que cerceavam a eficácia da agressividade romana.

²¹ GAUDAMET, J. *O milagre romano*. In: BRAUDEL, F. **Os homens e a herança do Mediterrâneo**. São Paulo: Martins Fontes, 1988, p.27.

²² O *limes* é o termo mais importante do vocabulário latino sobre as fronteiras e amiúde o mais mal empregado. No âmbito militar, o termo abrangia um conjunto formado por uma rota ou uma rede e que se completava com fortificações diversas (BOHEC, Y. *Op. cit.*, p.213).

A primeira máquina de guerra é descrita no capítulo 7. Trata-se de uma balista – peça de artilharia baseada em um mecanismo de torção – montada sobre um chassis de quatro rodas. Seu principal chamativo seria a parte superior giratória ou móvel da qual dois homens disparariam flechas por todos os lados. Assim como o tiodrifo, máquina que facilitaria o acesso a uma muralha (*DRB* 8), e os segundo e terceiro *currodrepani*²³ (*DRB* 13 e 14), a balista visava a economia de homens e conseqüente desafogo dos gastos públicos com o recrutamento. Esses também foram os motivos que o levaram a sugerir a liburna (barco de guerra) propulsionada por seis bois (*DRB* 17), e a balista fulmínea, uma variante da balista (*DRB* 18).



Cópia medieval do desenho original da balista fulmínea (*balista fulminalis*) do *DRB* (Biblioteca Nacional, Paris).²⁴ Há um consenso geral entre os estudiosos que as cópias medievais representam com fidelidade as antigas descrições ilustrativas de documentos latinos como o *DRB* e a *Notitia Dignitatum*. Se bem que várias unidades ordinárias devem ter continuado a empregar catapultas, sobretudo na defesa de fortes ou cidades, o exército romano tardio teve unidades especializadas em artilharia, algo inédito em sua História.²⁵

²³ Trata-se de um eixo de duas rodas, repleto de lâminas no eixo, que poderia ser movimentado por cabos. Puxado por dois cavalos e cavaleiros couraçados, na primeira versão, um cavalo e um cavaleiro na segunda e dois cavalos e um cavaleiro na terceira, revelam, na visão de um historiador militar, um “espírito realmente antiquado” (FERRILL, A. *A Queda do Império Romano*. Rio Janeiro: Zahar, 1986, p.113).

²⁴ EMBLETON, G. & MACDOWALL, S. *Late Roman infantryman, 236-565 A.D.* London: Osprey, 1994, p.52.

²⁵ GOLDSWORTHY, A. *Op. cit.*, p.205.

No entanto, mais uma vez aqui surge um trecho contraditório. No penúltimo capítulo da obra (20), no qual é esboçada a última proposta para os assuntos militares propriamente ditos, surge mais uma vez um trecho que parece destoar do restante da obra.²⁶

Entre las medidas tomadas em interés del estado se halla el cuidado de los límites que por todos lados abarcan los extremos del imperio, cuya protección atenderán mejor numerosas fortificaciones, de tal modo que se erijan com muralla estable y torres firmísimas, intercaladas a distancia de una milla. Construyan no obstante éstas defensas los propietarios de la tierra con responsabilidad repartida y sin gasto publico. Éstas servirán, desde luego, de modo que la tranquilidad de las provincias descansa indemne, rodeada de una especie de cinturón de defensa.

Sánchez-Ostiz chama a atenção para o quanto esta proposta contraria as idéias principais do tratado, que visam a todo o momento a poupança de efetivos militares.²⁷ Sem dúvida alguma, um projeto tão ambicioso de fortificação fronteiriça – ou de recuperação desta – demandaria um contingente militar soberbo para guarnecê-la, em um Império ainda gigantesco.

Contudo, se for levado em consideração que o anônimo se dirigia a Valentiano, notável pela fortificação sistemática das fronteiras que empreendeu a fim de tentar eliminar os males da estratégia defensiva então vigente²⁸, ver-se-á que o capítulo supracitado não chega a anular o restante da obra. É um trecho mais retórico, colocado ao fim do documento mais para confirmar e aprovar a política de defesa do imperador. Pois, mesmo em tal trecho existe um ponto de coesão com o restante do *DRB*: o anônimo pretendia que o ônus das obras de fortificação das fronteiras que estavam em vigor fosse transferido para os proprietários de terra. Dessa forma, mesmo nesse capítulo ambíguo o segundo aspecto do conjunto de idéias do autor permaneceu inalterado.

²⁶ *Est praetera inter commoda rei publicae utilis limitum cura ambientium ubique latus imperii, quorum tutelae assidua melius castella prospicient, ita ut millenis interiecta passibus stabli muro et firmissimis turribus erigantur. Quas quidem munitiones possessorum distributa sollicitudo sine publico sumptu constituat, uigiliis sane in his et agrariis stationibus exercendis, ut prouinciarum quies circumdata quodam praesidii cingulo inlaesa requiescat.*

²⁷ ANÓNIMO. *Op. cit.*, Com., p.159.

²⁸ REZENDE FILHO, C. *Op. cit.*, p.238.

Para os objetivos deste artigo, não interessou tanto analisar pormenorizadamente as máquinas do *DRB* ou a sua possível operacionalidade, mas explicar como são reveladoras das limitações militares dos romanos. Os esforços despendidos pelo anônimo – que, recorda-se, não era um *expert* militar – para estudar a artilharia vigente, adaptá-la e sugerir por fim engenhos originais explicados em narrativa e desenho revelam as enormes dificuldades do Império para recrutar soldados, única razão a justificar tanto esforço inventivo.

Todavia, apesar dos esforços do anônimo, o recrutamento bárbaro foi a solução a qual os últimos imperadores romanos se apegaram. A barbarização²⁹, embora atualmente desacreditada como causa do enfraquecimento do exército e conseqüente queda de Roma em 476, fugiu ao controle imperial depois que os visigodos vitoriosos em Adrianópolis (378) foram assentados como *foederati* na Trácia em 382. Em troca, esses bárbaros passaram a servir no exército romano por meio de unidades autônomas lideradas por seus próprios chefes, uma novidade nefasta na História de Roma. Criado à retaguarda da primeira linha de defesa romana, o *foedus* bárbaro representou o aniquilamento virtual de todo o sistema defensivo então vigente.³⁰ Dele os visigodos foram conduzidos por Alarico a uma série de pilhagens nas províncias orientais até chegarem à Itália, onde saquearam Roma em 410.

²⁹ Termo referente ao recrutamento em massa de bárbaros para o exército romano tardio que, conseqüentemente, tornou-se mais bárbaro do que soldados bárbaros se tornaram romanos (REZENDE FILHO, C. de B. *Op. cit.*, p.17).

³⁰ REZENDE FILHO, C. de B. *Op. cit.*, p.273. A despeito desse grave problema estratégico, as autoridades imperiais podem ter vislumbrado possíveis vantagens advindas desse tipo de acordo: mão-de-obra para o cultivo de terras abandonadas, o surgimento de um “Estado-tampão” entre as tribos germânicas hostis e o Império e, principalmente, uma reserva de soldados disponível para momentos de crise política (GUERRAS, M. S. *Os povos bárbaros*. São Paulo: Ática, 1995, p.40).

2.2. Limitações romanas compreendidas a partir das propostas do *Epitoma rei militaris*, de Vegécio

Quase trinta anos após a tentativa do anônimo, outro romano enviou ao imperador sua fórmula para a reabilitação militar do Império. Seu nome: Públio Flávio Vegécio Renato. Diferentemente de seu predecessor, foi ministro de Estado e compôs seu *Epitoma rei militaris* (“Epítome de assuntos militares”) a pedido do imperador, que provavelmente foi Teodósio. De religião cristã³¹, possuía cultura mediana, espírito saudosista e era amador em assuntos militares. Pouco mais se sabe sobre sua vida, que só pode ser conhecida a partir de inferências indiretas do documento supracitado e do *Digesta Artis Mulomedicinae*, obra sobre medicina veterinária.

É deste documento que se sabe que foi um experiente criador de cavalos e que conhecia bem o Império, o qual havia cruzado em suas viagens. Manuscritos das fontes permitem concluir que pertencia à ordem senatorial (era um “*illustris vir*”) e que detinha algum cargo dentre os mais altos da burocracia imperial, como evidencia o título de *comes* (conde). Sua declarada falta de experiência militar (I, pref.) indica que exercia alguma função civil, sendo responsável pelas finanças ou pelos estábulos imperiais. Em face a tudo isso, intriga o fato de ele mesmo não ter declarado expressamente o cargo que desempenhava.³²

Discussões passadas sobre o *Epitoma* se concentraram em duas questões: qual teria sido o imperador a quem Vegécio se dirigiu (pois ele próprio não o mencionou) e se a *antiqua legio* descrita no Livro Segundo foi fabricada pelo autor a partir de suas pesquisas ou se existiu na realidade. Caso se considere que tenha existido de fato, o problema é determinar seu período de

³¹ Fato atestado não só por várias declarações do *Epitoma* mas também pelo cognome *Renatus*, um dos apodos que mais fortemente marcavam a religião cristã do indivíduo que o portava (ARGÜÍN, A. R. M. *Flavio Vegecio Renato: el arte de la guerra romana*. Madrid: Signifer Libros, 2005, p.13).

³² ARGÜÍN, A. R. M. *Op. cit.*, pp.13-4.

existência³³. Apesar da discussão, parece-me claro que a legião por ele evocada existiu pelo fim do período republicano e durante o Alto Império (27 a.C. – 284 d.C.).

Não obstante ser um homem de fé, Vegécio acreditava que a vitória contra os guerreiros bárbaros não viria por obra de milagres, mas por competência e disciplina (1^o, I). A *disciplina* era a garantia para a manutenção da segurança no estilo romano. Portanto, em um contexto de quase ininterrupta pressão das fronteiras, estudou e recomendou o retorno da legião clássica. E a razão era óbvia: investigou vários documentos republicanos e alto imperiais (de autores como César, Salústio, Frontino, etc.) e não encontrou “outra razão para a conquista do mundo pelo povo romano do que a sua perícia nas armas, a sua disciplina militar e sua experiência na arte da guerra” (*Idem*).³⁴ Além de imprescindível nas conquistas, as legiões foram “a mais importante instituição para a manutenção do domínio romano”.³⁵

É interessante que Vegécio não teve por objetivo expor um quadro do exército romano tardio. No entanto, ao descrever longamente a disciplina e estrutura da legião clássica, acabou por legar indiretamente valiosas informações acerca da combatida milícia do final do século IV e, conseqüentemente, das limitações romanas à atividade militar.

Nesse sentido, é razoável extrair algumas conclusões após uma leitura inversa da fonte. Em primeiro lugar, vários critérios do recrutamento haviam sido abandonados, muito provavelmente por força das circunstâncias desesperadoras que impeliam a administração imperial a recrutar a esmo, e inclusive recentes ex-inimigos e mercenários. Contrapondo-se a isso, Vegécio propôs que se retomassem os costumes antigos de se preferir recrutas em

³³ HUGHES, I. *Vegetius and his times*. Disponível em: <<http://www.romanarmy.com/cms/content/view/159/85/>> Acesso em: 15 maio de 2008, p.1.

³⁴ *Nulla enim alia re uidemus populum Romanum orbem subegisse terrarum nisi armorum exercitio, disciplina castrorum usuque militiae.*

³⁵ FUNARI, P. P. A. *A vida militar a partir de alguns documentos epigráficos*. Disponível em <<http://www.klepsidra.net/klepsidra21/romanos.htm>> Acesso em: 24 set. 2007. Lauda única.

idade púbere (1º, IV) e provenientes de regiões frias, visto que produziam homens de índole ordeira e mais belicosos (1º, II).

Em condições ideais, apenas os camponeses, tidos como mais aptos às armas e menos desapegados à vida, deveriam ser escolhidos. No entanto, ele reconheceu que em determinadas condições – semelhantes às que ele vivia? – os cidadãos teriam que ser engajados. Antes, porém, deveriam ser submetidos à rudezas similares às enfrentadas pelo homem do campo (1º, III).

No exame inicial, dever-se-ia dar atenção especial à compleição física e saúde dos rapazes (1º, VII) e rejeitar os que exerciam funções “efeminadas”: os pescadores, cozinheiros, tecelões, pasteleiros, etc. Muito úteis, por outro lado, seriam os pedreiros, ferreiros, carpinteiros, carnicheiros, caçadores de feras ou de caça grossa. Os jovens deveriam ter “comportamento excelente” e, quando possível, uma alta moralidade. Quanto a isto, muito ajudaria se tivessem nascido em uma família distinta, pois o senso de honra os impediria de desertar (1º, VII).

Ainda neste capítulo, há uma última informação valiosíssima sobre as dificuldades de recrutamento enfrentadas pelos romanos. “Por corrupção ou incúria”, os latifundiários, grupo economicamente dominantes no Império Tardio³⁶, só liberavam para o serviço militar àqueles que nem mesmo a eles interessavam, de tão ineptos que eram. Vegécio revelava como, conjugados, a corrupção do funcionalismo público, a precedência de interesses privados sobre os públicos e o crescimento do poder dos fazendeiros perante um Estado cada vez mais débil dificultava o recrutamento e gerava empecilhos à guerra tão sérios quanto às insuficiências logísticas.

Por seu recrutamento desordenado, o exército romano do século IV apresentava muitas deficiências em seu equipamento, organização e disciplina,

³⁶ ALFÖDY, G. *Op. cit.*, p.201.

problemas que foram agravados em poucas décadas pelo acirramento das dificuldades econômicas e da pressão bárbara. Segundo Vegécio (1º, XX)³⁷,

Chegou a altura de tentarmos determinar as armas com que os recrutas devem ser defendidos e equipados, mas sobre esta matéria já não resta nenhum vestígio do uso antigo. Porque apesar da evolução verificada no armamento da cavalaria, no seguimento do exemplo dos godos, alanos e hunos, deixamos a infantaria sem defesa.

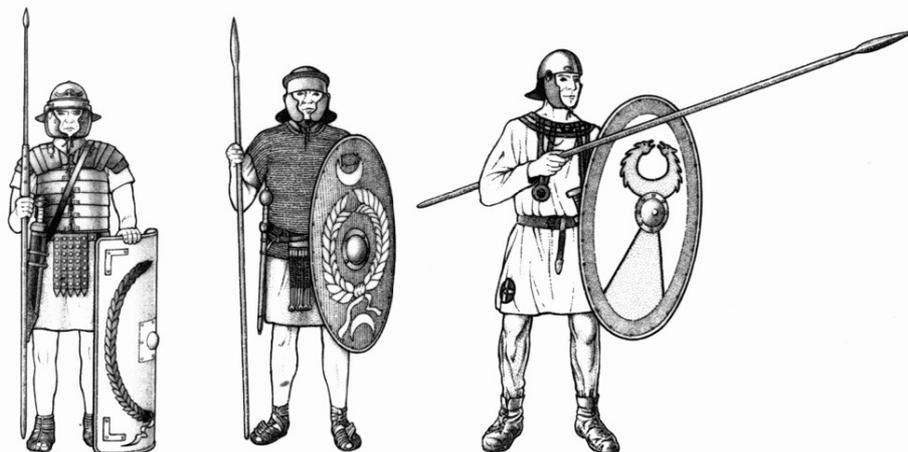
Desde a fundação da Cidade até aos tempos do divino Graciano, armou-se a nossa infantaria com couraça e capacete, mas ao apoderar-se o desleixo e o descuido das tropas, estas abandonaram os treinos militares. Começaram a sentir o peso das armas e a trazê-la poucas vezes; começaram a pedir ao Imperador que os dispensasse das cotas de malha, e depois dos capacetes. Com os peitos e as cabeças assim descobertos, os nossos soldados foram destroçados nos combates com os Godos, pelos seus archeiros. Mesmo perante tão infelizes acontecimentos, causa da pilhagem de muitas cidades, não houve quem pensasse em devolver as cotas e capacetes à infantaria.

Disto advém que os que se expõem nas batalhas desprotegidos pensem mais em fugir do que em combater. (...) A cota e o capacete podem parecer pesados aos homens da infantaria que treinem poucas vezes, mas parecer-lhes-iam leves se os usassem todos os dias. Os que não conseguem levar as armas de proteção que se usavam na antiguidade deixam-se capturar ou rendem-se, assim traindo o Estado; por recusarem o exercício e o trabalho, são vergonhosamente massacrados, como um rebanho.

“Sobre esta matéria [o armamento legionário] já não resta nenhum vestígio do uso antigo”. Equívoco? Adrian Goldsworthy acredita que sim. A maior parte dos soldados estava protegida com capacete, couraça de malha ou escamas, e um grande escudo ovalado. O gládio (*gladius*) havia sido substituído pela espada

³⁷ *Locus exigit, ut, quo armorum genere uel instruendi uel muniendi sint tirones, referre temptemus. Sed in hac parte antiqua penitus consuetudo deleta est; nam licet exemplo Gothorum et Alanorum Hunnorumque equitum arma profecerint, pedites constat esse nudatos. Ab urbe enim condita usque ad tempus diui Gratiani et catafractis et galeis muniebatur pedestris exercitus. Sed cum campestris exercitatio interueniente negligentia desidiaque cessaret, grauia uideri arma coeperunt, quae raro milites induebant; itaque ab imperatore postulant primo catafractas, deinde cassides sedere refundere. Sic detectis pectoribus et capitibus congressi contra Gothos milites nostri multitudine sagittariorum saepe deletisunt; nec post tot clades, quae usque ad tantarum urbium excidia peruenerunt, cuiquam curae fuit uel catafractas uel galeas pedestribus reddere. Ita fit, ut non de pugna sed de fuga cogitent qui in acie nudi exponuntur ad uulnera. Quid enim pedes sagittarius sine catafracta, sine galea, qui cum arcu scutum tenere non potest, faciat? Quid ipsi draconarii atque signiferi, qui sinistra manu hastas gubernant, in proelio facient, quorum et capita nuda constant et pecotora? Sed grauis pediti lorica uidetur et galea fortasse raro meditant, fortasse arma raro tractanti; ceterum cotidianus usus non laborat, etiam si onerosa gestauerit. (...).*

(*spatha*) em todas as unidades³⁸ e o tradicional *pilum* havia dado lugar a uma variante, o *spiculum*, além de múltiplos outros tipos de lança de carga e lançamento.³⁹ Por outro lado, como havia Vegécio sugerido, os historiadores modernos constataram que a cavalaria estava mesmo mais bem equipada que a infantaria no exército baixo imperial.⁴⁰



Da esquerda para a direita: reconstituição moderna de como se equipavam um legionário e um auxiliar do séc. I e, por último, um soldado romano tardio.⁴¹ O legionário e até mesmo o auxiliar do exército romano clássico estão claramente mais bem protegidos para o combate do que o militar dos sécs. IV-V. Perceba que neste último o punho da *spatha* aparece à mostra, no lado esquerdo, enquanto que o legionário e o soldado ligeiro carregam o gládio, no lado direito. Há várias influências célticas e germânicas nos exércitos romanos tardios, como a *spatha*, o escudo ovalado e a quase total ausência de proteção corporal, conforme nota-se no terceiro desenho.

Embora seja possível que Vegécio tenha exagerado, seu testemunho é suficientemente contundente para supor que estivesse completamente enganado. De outro modo, percebeu acertadamente que o principal defeito do exército imperial tardio residia na displicência em relação à infantaria pesada e a disciplina legionária.⁴² Nesse sentido, dedicou praticamente todo o restante

³⁸ Um testemunho de Vegécio sugere claramente essa transformação (1º, XII). Ele defende o retorno do gládio que, diferentemente da espada, era utilizado para golpear de ponta, proporcionando ferimentos mais letais. Além disso, advoga a favor do gládio a maior agilidade em relação ao ataque de espada – arma de lâmina mais longa, idealizada para ferir de gume. Desta forma, o braço e o lado direito do atacante não seriam expostos.

³⁹ GOLDSWORTHY, A. *Op. cit.*, p.205.

⁴⁰ *Idem*, FERRILL, *Op. cit.*, p.41.

⁴¹ GOLDSWORTHY, A. *Roman Warfare*. London: Cassell, 2000, p.51.

⁴² DAWSON, D. *As origens da Guerra no Ocidente*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1999, p.278.

do primeiro livro de sua obra a recomendar exercícios tais como corrida, natação, passo militar, salto, esgrima, arremesso de armas e pedras, equitação, carregamento de fardos, preparação do acampamento e ordem unida.

O autor não atribuiu a falta de equipamentos à preguiça dos soldados. No entanto, é bem possível que por detrás do infame pedido encaminhado a Graciano pesasse a influência cultural e política do grande número de *foederati* germânicos engajados no exército⁴³, alheios à rigorosa disciplina militar romana. Por que então Vegécio não os culpou pelo problema? Talvez por cautela – o assunto da germanização devia ser delicado do ponto de vista político.⁴⁴

De qualquer maneira, as limitações contingentes existiam: por um lado, dificuldades em se recrutar a quantidade necessária de recrutas para o exército; por outro, problemas com a disciplina e a falta de equipamentos necessários para a guerra. Ao propor soluções para estes problemas, Vegécio ficou dividido entre duas influências culturais.

Em primeiro lugar, a autoridade, o precedente e a tradição – o *mos majorum* –, objetos de especial veneração pelos romanos, permeiam toda a obra. Era comum aos latinos opor tenaz resistência a mudanças, a menos que fossem consideradas fiéis ao costume ancestral. Portanto, Vegécio, como era de se esperar, inclinou-se a ver no curso da História uma alternância entre distanciamento e observância dos valores tradicionais.⁴⁵ Daí o desgosto perante um exército que cada vez mais se distanciava daquela força *ideal*, que havia dado à humilde cidade do Lácio o império mundial. Daí o seu apelo apaixonado pelo retorno dos modelos de recrutamento e disciplina das legiões.

⁴³ REZENDE FILHO, C. de B. *Op. cit.*, p. 28. Ver também FERRILL, *Op. cit.*, p. 110.

⁴⁴ FERRILL, *Op. cit.*, p. 110.

⁴⁵ WHITROW, G. J. *O tempo na história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993, pp. 73-74. Entre os escritores romanos, pode-se considerar que na constante interação entre o pensamento dos atores sociais, suas ações socialmente constituintes e a estrutura social preexistente, prevaleceu esta última (LLOYD, C. *As estruturas da História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995, p. 70).

Por outro lado, os romanos tardios consideravam “o corpo como o indicador mais sensível e evidente de um comportamento correto, e o controle harmonioso desse corpo pelos métodos gregos tradicionais” – dentre os quais destaque os exercícios – constituía “sua mais íntima garantia”.⁴⁶ Essa preocupação com o corpo, associada às pressões da realidade que o circundava, permitiu a Vegécio fazer certas concessões a tradições militares arraigadas. Por exemplo, admitiu que se a necessidade exigisse (mais uma pista da difícil realidade de sua época) não se deveria levar em conta tanto a altura como a força (1º, V e VI). Concessão considerável para um espírito tradicionalista, pois o soldado só foi mencionado no romance latino em duas ocasiões. Em uma destas, foi descrito como um indivíduo alto, reflexo direto dos “critérios de estatura e de aspecto geral que são tidos em conta na altura do recrutamento (...)”.⁴⁷ Portanto, influenciado pelo pensamento em voga no tocante ao corpo e premido pelas circunstâncias, o ministro Teodósio preferiu a força física à altura.

Em suma, após a análise das limitações contingentes subjacentes no *Epitoma rei militaris*, nenhuma conclusão é mais acertada que “Vegécio foi abalado pelo seu próprio tempo, perseguido por ideais do passado e condicionado pela realidade do presente”.⁴⁸ Esses traços singulares, típicos de um mundo que desmoronava, ajudam a explicar a razão de ter sido o único dentre os tratados militares clássicos a permanecer popular na Idade Média e ainda crescer em reputação na Renascença.⁴⁹

3. Conclusão: dois testemunhos, várias limitações

O autor anônimo do *DRB* e Vegécio não se destacaram por seu estilo literário – geralmente desprovidos de originalidade e beleza – e raramente são lembrados

⁴⁶ BROWM, P. A Antiguidade Tardia. In: ARIÈS, P. & DUBY, G. (dirs.). *Op. cit.*, p. 232.

⁴⁷ CARRIÉ, J. M. O soldado. In: GIARDINA, A. (dir.). *O homem romano*. Lisboa: Editorial Presença, 1991, p. 89.

⁴⁸ VEGÉCIO. *Op. cit.*, estudo introd., p. 24.

⁴⁹ DAWSON, D. *Op. cit.*, p. 276.

pela historiografia não-militar. Mesmo entre os historiadores militares há uma tendência a minimizá-los, pelo fato de que fracassaram em sua tentativa de reforma. Embora não tenha sido meu objetivo discutir o porquê de não terem sido atendidos, mas mostrar como são importantes no estudo das limitações contingentes da guerra romana do período, uma breve comparação entre eles deve ser feita.

Uma regra geral da guerra é que o moral e o treinamento dos soldados são muito mais importantes que a tecnologia da artilharia. São os homens que decidem as guerras. Nesse sentido, Vegécio possuía uma noção dos problemas militares de Roma muito superior à do anônimo. Sua solução, baseada no retorno ao rigor disciplinar e da instrução, embora fincado no passado e carecendo do gênio inventivo que sobeja no *DRB*, também era superior.⁵⁰

Por outro lado, o primeiro tipo de limitação à guerra, as oriundas dos elevados sistemas éticos e morais, sempre existiram entre os romanos. No século IV, o Império havia adotado o cristianismo como religião de Estado e esse tipo de limitação à agressividade tenderia a crescer, visto que o respeito à vida é um dos pilares dele. Contudo, a função do exército romano desde o século II era eminentemente defensiva. Assim, cristãos como Vegécio podiam conciliar a fé eminentemente pacifista com a idéia do serviço militar.⁵¹ O motivo pelo qual lutavam era justo e necessário.

No entanto, embora o exército de Teodósio permanecesse como “um instrumento possante”⁵², Vegécio só admitiu a batalha campal após terem sido esgotados recursos tais como a fome imposta ao inimigo, a surpresa e o medo (3º, XXVI). Essa intenção de evitar ou pelo menos protelar o confronto direto revela primeiramente uma precaução quanto às baixas. Baixas, licenciamento,

⁵⁰ FERRILL, *Op. cit.*, p.113.

⁵¹ CARDINI, F. Guerra e Cruzada. In: LE GOFF, J. & SCHIMITT, J.-C. (org.). **Dicionário temático do Ocidente Medieval** – vol. I. Bauru, SP: EDUSC, 2002, p.474.

⁵² FERRILL, *Idem*.

deserção e outros fatores, eram escoadouros de soldados que, para piorar, não eram repostos pelo recrutamento (2º, III). Por outro lado, o tom relativamente brando da proposta do autor pode revelar influências cristãs. E se estas não se mostraram mais fortes, foi devido à orientação da guerra clássica greco-romana das fontes que consultou. Vale lembrar que esse modelo de guerra, malgrado o espírito clássico da *humanitas*, não teve paralelo em crueldade no Ocidente até o século XIX.⁵³

Por fim, cumpre ressaltar que este artigo não deve deixar a impressão de que as limitações dos bárbaros eram menores que as dos romanos, pelo contrário. Em termos de limitações logísticas e de guerra de sítio, por exemplo, um abismo os separava dos romanos. E, a despeito do quadro animalesco com o qual foram e ainda são representados, eles tinham limitações de natureza ética e moral em seu comportamento agressivo. Os visigodos, depois de prolongado cerco, saquearam Roma por três dias em agosto de 410. Cristãos arianos, sua fúria assassina era simplesmente dissipada quando chegavam ao limiar sagrado das capelas e das basílicas, abarrotadas de cidadãos acuados.⁵⁴ Agostinho, bispo de Hipona, que lembrou que os próprios romanos em época alguma haviam tido semelhante postura (Livro, VI), também registrou o lado contraditório dessa limitação moral dos visigodos: conquanto tenham se absterido de macular os lugares sagrados, eles violentaram “mulheres, mocinhas e até mesmo religiosas” (Livro I, XVI).

Os desgastantes conflitos entre romanos e bárbaros nos séculos III-V compõem um capítulo interessantíssimo da História da guerra. As limitações de cada lado ajudam a explicar a longevidade da violência entre os dois lados, marcada por cumplicidade, parceria e oportunismo. Talvez algumas das melhores fontes sobre as limitações que, paradoxalmente, prolongaram e encerraram o duelo, sejam o *De rebus bellicis* e o *Epitoma rei militaris*.

⁵³ VEYNE, P. *Humanitas: romanos e não romanos*. In: GIARDINA, A. (dir.). **O homem romano**. Lisboa: Presença, 1992, p.292.

⁵⁴ AGOSTINHO, SANTO. *A cidade de Deus: (contra os pagãos)*. Tradução de Oscar Paes Leme. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2003, Livro I, cap. I, p.28.

4. Referências

4.1. Fontes primárias

AGOSTINHO, SANTO. *A cidade de Deus: (contra os pagãos)*. Tradução de Oscar Paes Leme. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2003.

ANÓNIMO. *Sobre asuntos militares*. Introd., edição, trad. e comentário de Álvaro Sánchez-Ostiz. Navarra: Eunsa, 2004. Doravante, sempre que citar a fonte indicarei apenas as iniciais do título original da obra (*DRB*) e o capítulo entre parêntesis.

VEGÉCIO. *Tratado de Ciência Militar*. Trad., estudo introdutório e notas de Adriaan de Man. Lisboa: Edições Sílabo, 2006.

VEGETIUS. *Epitoma rei militaris*. Disponível em < <http://www.intratext.com/X/LAT0189.HTM>> Acesso em: 6 nov. 2007.

4.2. Fontes Secundárias

ALFÖDY, G. *A História Social de Roma*. Lisboa: Presença, 1989.

ARGÜÍN, A. R. M. *Flavio Vegecio Renato: el arte de la guerra romana*. Madrid: Signifer Libros, 2005.

BOHEC, Y. L. *El ejército romano*. Barcelona: Ariel, 2004.

BROWM, P. *A Antiguidade Tardia*. In: ARIÈS, P. & DUBY, G. (dirs.). **História da vida privada – vol. I – Do Império Romano ao ano Mil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, pp. 225-300.

CARDINI, F. *Guerra e Cruzada*. In: LE GOFF, J. & SCHIMITT, J.-C. (org.). **Dicionário temático do Ocidente Medieval** – vol. I. Bauru, SP: EDUSC, 2002, pp. 473-487.

CARRIÉ, J. M. *O soldado*. In: GIARDINA, A. (dir.). **O homem romano**. Lisboa: Editorial Presença, 1991, pp. 89-115.

DAWSON, D. A. *As origens da Guerra no Ocidente*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1999.

EMBLETON, G. & MACDOWALL, S. *Late Roman infantryman, 236-565 A.D.* London: Osprey, 1994.

FERRILL, A. *A Queda do Império Romano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

FINLEY, M. I. *Aspectos da Antiguidade*. Lisboa: Edições 70, 1990.

FUNARI, P. P. A. *A vida militar a partir de alguns documentos epigráficos*. Disponível em <<http://www.klepsidra.net/klepsidra21/romanos.htm>> Acesso em: 24 set. 2007. Lauda única.

GAUDAMET, J. *O milagre romano*. In: BRAUDEL, F. **Os homens e a herança do Mediterrâneo**. São Paulo: Martins Fontes, 1988, pp. 27-50.

GOLDSWORTHY, A. *El ejército romano*. Madrid: Akal, 2007.

_____. *Roman Warfare*. London: Cassell, 2000.

GUERRAS, M. S. *Os povos bárbaros*. São Paulo: Ática, 1995.

HUGHES, I. *Vegetius and his times*. Disponível em: <<http://www.romanarmy.com/cms/content/view/159/85/>> Acesso em: 15 maio de 2008, p.1.

KEEGAN, J. *Uma história da guerra*. São Paulo: CIA das Letras, 1995.

LLOYD, C. *As estruturas da História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

LOT, F. *O fim do mundo antigo e o princípio da Idade Média*. Lisboa: 70, 1980.

MACDOWALL, S. *Adrianople AD 378*. Oxford: Osprey Publishing, 2001.

MAZZARINO, S. *O fim do mundo antigo*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

MENDES, N. M. *Sistema político do Império Romano do Ocidente: Um modelo de colapso*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

_____. & SILVA, G. V. *Diocleciano e Constantino: a construção do DOMINATO*. In: MENDES, N. M. & SILVA, G. V. **Repensando o Império Romano**. Rio de Janeiro: Mauad; Vitória: Edufes, 2006, pp. 193-221.

REZENDE FILHO, C. de B. *Mudança de conceito estratégico e manutenção de padrão tático: a desagregação militar do Ocidente romano sob a pressão bárbara*. Tese. São Paulo: USP, 1993.

VEYNE, P. *O Império Romano*. In: ARIÈS, P. & DUBY, G. (dirs.). **História da vida privada – vol. I – Do Império Romano ao ano mil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, pp. 19-223.

_____. *Humanitas: romanos e não romanos*. In: GIARDINA, A. (dir.). **O homem romano**. Lisboa: Presença, 1992, pp. 282-302.

WHITROW, G. J. *O tempo na história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.